

**ESPECIAL**

# Brasil de Fato

UMA VISÃO POPULAR DO BRASIL E DO MUNDO

**Minas Gerais** Belo Horizonte, abril de 2019 ▪ [brasildefatomg.com.br](http://brasildefatomg.com.br) ▪ distribuição gratuita

**“O QUE ELES ‘ERRARAM’  
É QUE PREVIRAM A  
MORTE DE 20 PESSOAS.  
E FORAM 300”**

**diz promotor em entrevista**

O maior acidente de trabalho do Brasil

Desde 2002, Vale sabia dos riscos

Empresa já calculava valor por cada morte, diz André Sperling

32 barragens da Vale estão paralisadas em MG

Conheça histórias de moradores que começam a se recuperar

Frente Brasil Popular organiza curso sobre a realidade do país

# Rompimento em Brumadinho foi o maior acidente de trabalho do país

**PRECARIZAÇÃO** Mineradoras são as empresas com maior número de mortes de trabalhadores

Amélia Gomes

“A primeira coisa que escutei foi um estouro, depois disso o local onde eu estava começou a balançar muito e eu corri. Olhei para trás e vi meus colegas sendo soterrados e eu não podia ajudar”. Passados três meses, a cena do rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão ainda é latente na memória do armador Luiz Sávio Castro, de 60 anos. Hoje o sobrevivente do maior acidente de trabalho do Brasil convive entre o alívio por ter escapado da lama e a sensação de impotência pela perda dos companheiros.

Quando a barragem se rompeu, os primeiros alvos dos 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos foram as instalações da mineradora e o refeitório da empresa, que estavam no pé da barragem, matando mais de 200 funcionários. A tragédia se tornou o maior acidente de trabalho do Brasil, ultrapassando o desabamento de um pavilhão de exposições no Gameleira (BH), que também aconteceu em Minas Gerais, em 1971, e deixou 75 mortos.

O rompimento da barragem da Vale revela uma informação triste sobre o Brasil: quando se trata de fatalidades envolvendo trabalhadores, o país se desta-



DOUGLAS MAGNO AFP

ca. Segundo o Observatório Digital Saúde e Segurança do Trabalho, a cada 3 horas é registrada uma morte por acidente de trabalho no Brasil. A cada 48 segundos acontece um incidente com trabalhadores brasileiros. Um balanço da Organização Internacional do Trabalho aponta que, por ano, 321 mil pessoas morrem em acidentes de trabalho e o Brasil



**A cada três horas, é registrada uma morte por acidente de trabalho no Brasil**

é o 4º colocado nesse ranking.

O setor mineral tem destaque. Segundo levantamento do extinto Ministério do Trabalho, o setor mineral é o que mais mata trabalhadores no país. “As estatísticas mostram que em 2017 a taxa de mortalidade de trabalhadores na indústria extrativa mineral foi superior aos demais setores de atividades em 2,6%”, afirma Mário Parreiras de Farias, auditor fiscal do trabalho.

## Empresas negligentes

A advogada popular Juliana Benício Xavier, integrante da Articulação Internacional dos Atingidos pela Vale, discorda do termo “acidentes” de trabalho, pois, para ela, os casos são fruto da negligência dos empregadores. “As empresas sempre minimizam custos em saúde e segurança, reduzem salário e aumentam jornadas de trabalho. Esses ingredientes juntos são um explosivo. Não dá para a gente sair de uma receita dessa sem que alguma coisa nefas-

ta aconteça”, critica.

## Desmonte trabalhista

A reforma trabalhista, aprovada no governo de Michel Temer, deve contribuir para que as indenizações para as famílias que perderam parentes sejam desiguais. A lei criou uma tarifação do dano, que estabelece um valor máximo de indenização por morte, que é de 50 vezes o valor do salário que a vítima recebia quando faleceu. Portanto, famílias de técnicos mortos poderão receber bem menos que as famílias de engenheiros. Até mesmo familiares de turistas podem conseguir indenizações maiores que as de funcionários, se a mineradora se utilizar da lei.

## Vale sabia dos riscos desde 2002

Investigações realizadas pela auditoria do trabalho de Minas Gerais revelaram que desde 2002 relatórios já apontavam problemas graves na estrutura da barragem. Os alertas teriam começado a aparecer um ano após a Vale adquirir o complexo mine-rário de Córrego do Feijão. As investigações dizem ainda que a mineradora agia de maneira duplamente irresponsável, fazendo explosões próximas à barragem.

Veio à tona também, por meio do Ministério Público do Trabalho, que a empresa já calculava o valor de 2,6 milhões de dólares para possíveis indenizações por morte de funcionário (10 milhões de reais). Isso resultou na campanha “Quanto Vale a Vida?”, que critica que a mineração coloque um preço na vida de seus funcionários.

## IMPACTOS NA ÁGUA

**500 km**

é o tamanho do Rio Paraopeba

**6 x MAIS TURVA**

Segundo estudo que analisou a água em 11 pontos do Paraopeba, em março

**400 vezes**

maior que o permitido chegou a concentração de cobre no Rio Paraopeba, em março

**75%**

dos pontos de coleta tinham água de qualidade ruim

## Brasil de Fato

Esta edição especial é uma produção do Brasil de Fato MG em parceria com a Frente Brasil Popular Médio Paraopeba. Mais informações em [www.brasildefatomg.com.br](http://www.brasildefatomg.com.br) ou [facebook.com/brasildefatomg](https://facebook.com/brasildefatomg)

# “Eles sabiam do risco e deram preço para as mortes”, denuncia promotor

**ENTREVISTA** André Sperling, promotor de Justiça, critica modelo que beneficia mineradoras e deixa população em risco

Geanini Hackbardt  
Especial para o BdF

**A**ndré Sperling nasceu na periferia de São Paulo, mas atua como Promotor de Justiça em Minas Gerais há 19 anos. Após investigar os responsáveis pelo rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana, foi conferida a ele a força tarefa da promotoria estadual no crime da Vale no Córrego do Feijão. Confira principais trechos da entrevista (a versão completa está em [www.brasildefato.com.br](http://www.brasildefato.com.br)).

**Diante da grande quantidade de barragens em risco, podemos dizer que há um colapso na mineração?**

**André Sperling** - Para as mineradoras, não tem colapso nenhum. Elas continuam lucrando. A Vale tem lucrado constantemente, inclusive no último trimestre.



Mídia NINJA

**O fato das duas barragens que já se romperam serem da Vale poder relação com a privatização da empresa?**

Eu acho que o modelo de mineração de Minas Gerais, de forma geral, é extremamente exploratório. Eu não posso falar única e exclusivamente da Vale, porque tudo é feito visando maximizar ao extremo o lucro das empresas. E um dos caminhos que eles encontram para isso é diminuir

o custo da manutenção das barragens.

**Eles calculam o nível de risco? Sabiam do risco do rompimento?**

Eles trabalham quase como se fosse um cassino. Eles apostam que mesmo que a barragem esteja com nível de segurança inadequado, ela não vá romper. Eles precificam. A gente tem provas de que eles precificaram, por exemplo, o custo da vida humana no

rompimento da barragem de Brumadinho. Cada vida humana teria um custo para eles de 2 milhões e 600 mil dólares, mais ou menos. Eles tinham isso nos boletins internos. Engraçado que agora, nos processos de reparação, eles não estão oferecendo esse dinheiro todo para as famílias. Ou seja, eles sabiam do risco e queriam saber quanto isso custaria para a empresa. O que eles “erraram” é que eles previram, em Brumadinho, a morte de 20 pessoas. E morreram mais de 300.

**Qual é a orientação para os cidadãos da região que busca por justiça e indenização? Como as organizações populares podem contribuir?**

Para que as demandas sejam atendidas, o povo precisa estar organizado, consciente dos seus direitos. O caminho é esse, caminho coletivo. Os atingi-

dos têm que ficar cientes que existe, sim, um processo da Vale para buscar dividi-los, para transformar as

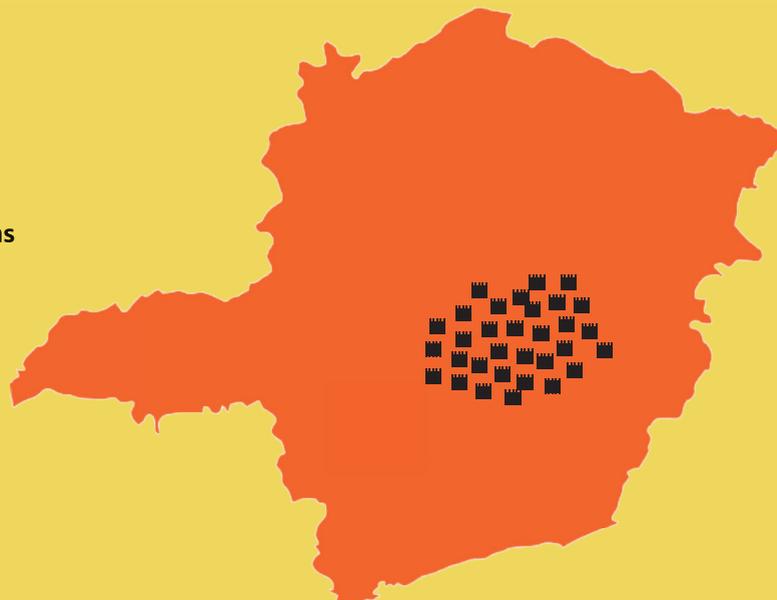
**“ Para que as demandas sejam atendidas, o povo precisa estar organizado**

causas coletivas em meramente individuais. Esse caminho tomado pela Vale ficou muito claro para nós num recente acordo que a mineradora firmou junto à Defensoria Pública, no qual pretende pagar indenizações individuais para as pessoas. Esse acordo criou uma tabela de danos, que diz quanto vale cada coisa. Se os atingidos aceitarem esse padrão de indenização, eles não terão direito mais de discutir os valores que receberam individualmente.

## 32 barragens da Vale estão paralisadas em MG

- . Barão de Cocais: 1
- . Brumadinho: 3
- . Itabirito: 2
- . Itabira: 3
- . Mariana: 1
- . Nova Lima: 4 diques e 6 barragens
- . Ouro Preto: 9
- . Rio Piracicaba: 1
- . Sabará: 2

Fonte: ANM e Vale



A mineradora Vale S.A. declara que 31 das suas barragens no estado estão paradas, por três motivos: não tiveram Declaração de Condição de Estabilidade da Agência Nacional de Mineração (ANM), ou por ações civis ou da Secretaria de Meio Ambiente, e duas por decisão da empresa.

A ANM mostra que 22 barragens de outras mineradoras também estão instáveis ou não apresentaram sua Declaração de Condição de Estabilidade até 31 de março e, por isso, estão interditas. De todas as barragens paralisadas no Brasil, 64% está em território mineiro.



# Brumadinho resiste: histórias de quem aos poucos se recupera

**MINERAÇÃO** Três meses depois, moradores tentam retomar a vida em meio ao luto coletivo

Wallace Oliveira  
De Brumadinho

**T**rês meses do rompimento da barragem da Vale em Córrego do Feijão, Brumadinho, na Grande BH. Na cidade, a 15 km do distrito onde tudo começou, um interminável luto é vivido coletivamente. Praticamente todos, uns mais, outros menos, tiveram perdas econômicas e a rotina alterada. Todos perderam parentes, amigos, conhecidos. Todos perderam o Rio Paraopeba, embora nem todos vivessem dele, e são obrigados a presenciar diariamente o cadáver do rio marrom sob a ponte. Apesar de tudo, moradores ressaltam que Brumadinho não é só mineração, tampouco a lama da barragem da Vale.

Bruna Penna tem uma clínica de estética no centro da cidade. Das pessoas que ela conhecia, 80 morreram vítimas da lama, 30 eram clientes suas, 12 ainda não foram encontradas. A clínica quase parou de funcionar. “Eu tento me aproximar ao máximo das pessoas

“

**Todos perderam amigos, conhecidos, parentes. Todos perderam o Rio Paraopeba, agora marrom**

com terapias integrativas, acupuntura, serviços de desintoxicação, é mais na área da saúde mesmo, porque a cidade não está com clima pra cuidar da beleza. Então, sem essas alternativas, a clínica não estaria aberta”, afirma.

Raquel Andrade é agente de pastoral da paróquia de São Sebastião, composta por 14 comunidades católicas. Todas as pastorais perderam integrantes, mortos pela lama da barragem. “Meus conhecidos, entre amigos de infância, amigos da igreja, amigos de escola, eu consegui contar 45 e depois não quis contar mais, parei, porque dói demais”, recorda, aos prantos. Segundo Raquel, a forma encontrada pela paróquia para reagir à tragédia foi organizar a comunidade para enfrentar o problema. “A gente, rapidamente, conseguiu estruturar uma acolhida, a organização das entregas de donativos. Nos primeiros dias, foram comida, cesta básica, roupa. Agora, nosso trabalho é visitar as pessoas e ver como elas estão”.

Gilmar Cândido é proprietário de um viveiro que pro-

duzia e vendia, todo mês, cerca de 800 mil mudas de folhosas, jiló, pimentão, tomate e outras plantas para produtores rurais de Brumadinho, Sarzedo, Ibirité e Mário Campos. A lama da Vale matou o Rio Paraopeba, diminuiu a produção agrícola local e prejudicou diretamente o empreendimento de Gilmar.

O produtor acredita que serão necessários de dois a três anos para retomar o empreendimento, mas prevê um caminho muito difícil. “Acho que o meu comércio de mudas não vai voltar a ser como antes. A maioria das pessoas que trabalhavam na horta e vão pegar indenização não vão querer ter mais horta. E outras pessoas, mesmo tendo horta, vão ter sua própria estufa. Então, eu vou ter que achar outros clientes”, conclui.

## Frente Brasil Popular se fortalece no Médio Paraopeba

A história de exploração do minério na região, que levou ao rompimento da barragem em Brumadinho, é denunciada há anos por movimentos e instituições locais. Porém, a denúncia isolada foi insuficiente para evitar as consequências da exploração. Por isso, as organizações populares da região decidiram unir forças na busca por justiça e proteção contra outras mineradoras que ameaçam as famílias do entorno do Rio Paraopeba. No dia 16 de março, foi realizada a 1ª Assembleia da Frente Brasil Popular do Médio Paraopeba, em Brumadinho.

A principal bandeira da Frente local é “Somos todos atingidos”. Outra ação proposta é o Curso Realidade Brasileira, que visa estudar os principais pensadores brasileiros e debater sobre as alternativas possíveis ao atual modelo de mineração.

A Frente Brasil Popular é a união de 80 organizações populares nacionais. Ela se propõe a apontar soluções para que o país avance e transforme para melhor a vida dos trabalhadores e trabalhadoras, como o Plano Popular de Emergência e o Congresso do Povo. Para saber mais, acesse [frentebrasilpopular.org.br](http://frentebrasilpopular.org.br) ou entre em contato: [facebook.com/frentebrasilpopularmg](https://www.facebook.com/frentebrasilpopularmg)